

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens me ipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

ro. 13, 14.

Summario

A VOZ DA EGREJA. — CARTA ENCYCLICA DO NOSSO SANTISSIMO PAPE LEÃO XIII, RECOMMENDANDO A DEVOÇÃO DO ROZARIO. — A HIGIENE D'ALMA E O CHOLERA, por João Antonio Velloso. — SECÇÃO RELIGIOSA: *A União Catholica*, por V. — SECÇÃO HISTORICA: *Veronica*, IV, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *O venerando Bispo d'Angra e a muçomaria*, por Elias de Sampaio; *Complicações*, por Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO ILUSTRADA: I — *S. Francisco d'Assis*; II — *Manilha, Interior da Igreja de S. Domingos*, por R. — SECÇÃO LITTERARIA: *Gracia, ou a christã do Japão*, (continuação), versão do Padre Lima. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. dos Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.



S. FRANCISCO D'ASSIS

com essa scena do fervor da fé e da piedade, e mesmo haveremos ahí colhido nova coragem para supportar, se Deus assim o quizer, mais duras provações ainda. Com elleito, em quanto o espirito de oração se diffundir na casa de David e entre os habitantes d'Israel. Nós esperamos firmemente que Deus se deixará em fim applacar e que, apiedando-se da condição da sua Igreja, acolherá as preces apresentadas por Aquella que Elle proprio quiz fazer dispensadora das graças celestes.

E continuando, como dizemos, a existencia das causas que no ultimo anno Nos determinaram a excitar a piedade dos fieis, consideramos do Nosso dever, Veneraveis Irmãos, exhortar o povo christão, ainda este anno, a perseverar na pratica da devoção do Rosario de Maria, a fim de merecer a protecção efficaz da sublime Mãe de Deus. Já que os adversarios da religião christã dão provas d'uma

A VOZ DA EGREJA

Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII, recommendando a devoção do Rozario.

Aos veneraveis Irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico em graça e communhão com a Sé Apostolica.

LEÃO XIII PAPA

VENERAVIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

No ultimo anno, como sabeis, decretamos por Nossa Carta Encyclica que, em todas as partes do mundo catholico e com o fim de obter o soccorro celeste em favor da Igreja opprimida,

fosse honrada a poderosa Mãe de Deus, durante todo o mez d'outubro, pela recitação do santissimo Rosario. Seguimos n'isto a Nossa propria inspiração e os exemplos dos Nossos predecessores que, nas epochas mais difficeis para a Igreja, costumavam recorrer com um especial impulso de piedade á augusta Virgem Maria e implorar o seu auxilio por meio de fervorosas preces. — Em toda a parte foi obedecida a Nossa vontade sobre este ponto, com tanto ardor e concordia, que se viu admiravelmente manifestado o fervoroso espirito de religião e de piedade que anima o povo christão e quão grande é a confiança universal no celeste patrocínio da Virgem Maria. Quanto a Nós, atormentado pelo peso de tantas provações e males, confessamos haver experimentado uma grande consolação

grande obstinação no proseguimento de seus projectos, é necessario que por outro lado os defensores da Igreja mostrem não menor firmeza, lembrando-se de que o soccorro celeste e a graça de Deus são ordinariamente o fructo da nossa perseverança. — A proposito vos recordaremos o exemplo de Judith, imagem da Santa Virgem, que soube reprimir a insensata impaciencia dos Judeus quando estes queriam, segundo o seu arbitrio, fixar a Deus o dia da libertação do seu paiz opprimido. E bem assim o exemplo dos Apostolos, que aguardaram o dom sublime do Espirito Santo, perseverando unanimemente na oração com Maria, Mãe de Jesus.

Hoje tambem se trata d'uma cousa da mais alta importancia e cercada de difficuldades, trata-se de humilhar o au-

tigo e astucioso inimigo do genero humano, chegado ao apogeu do seu poder; trata-se de reconquistar a liberdade da Igreja e do seu Chefe; trata-se de conservar e manter intactas as instituições sobre as quaes repousa a segurança e a salvação da sociedade humana. E' pois necessario diligenciar que n'estes tão tristes tempos para a Igreja a piedosa devoção do Rosario de Maria se conserve cuidadosamente, tanto mais que as orações estão n'elle dispostas por forma a recordarem, pela sua ordem, todos os mysterios da nossa salvação, e por isso mesmo são muito proprias para alimentarem o espirito de piedade.

Pelo que respeita á Italia, é summamente necessario implorar para ella pela recitação do Rosario o auxilio da poderosissima Virgem, hoje principalmente que já estamos não só ameaçados mas provados por uma calamidade inesperada. Effectivamente, a peste asiatica, transpondo os limites que a natureza parecia haver-lhe fixado, invadiu os portos do golpho de Lion e, d'alli, as regiões limitrophes d'Italia. E' por tanto necessario recorrer a Maria, Aquella a quem com rasão a Igreja chama dispensadora da saude, dos soccorros e das consolações celestes, a fim de que, dignando-se alcançar-nos o soccorro implorado por meio de orações que lhe são particularmente agradaveis, affaste para longe de nós o impuro flagello.

Eis porque, como se aproxima o mez d'outubro, em que o mundo catholico festeja a solemnidade da Virgem do Rosario, resolvemos prescrever este anno tudo o que haviamos prescripto no anno passado.

Decretamos, pois, e ordenamos que a contar do primeiro dia do mez d'outubro até ao segundo dia do mez de novembro seguintes, em todas as parochias e em todas as egrejas ou capellas dedicadas á Santa Virgem ou mesmo em outras á escolha dos Ordinarios, se recite todos os dias pelo menos cinco dezenas do Rosario e as Ladainhas Lauretanas. Se este exercicio piedoso tiver logar de manhã, far-se-ha durante a celebração da missa; se tiver logar depois do meio dia, expor-se-ha o Santissimo Sacramento á adoração dos fleis e se dará em seguida a benção aos que estiverem presentes. Desejamos tambem que as confrarias do Santissimo Rosario façam, onde as leis civis o permittam, procissões solemnes pelas ruas, a fim de glorificar publicamente a religião.

Querendo abrir os celestes thesouros da Igreja á piedade christã, Nós renovamos todas as Indulgencias que no anno passado concedemos. A todos aquelles que, nos dias estabelecidos, assistirem á recitação publica do Rosario e orarem pelas Nossas intenções, e tambem a todos que, legitimamente impedidos, fize-

rem essa recitação em particular, concedemos por cada vez a indulgencia de sete annos e de sete quarentenas. Aquelles que no tempo que acabamos d'indicar praticarem pelo menos dez vezes estes piedosos exercicios, já publicamente nos templos sagrados, já em suas casas, em consequencia de impedimentos legitimos, e que, depois de se haverem confessado, se aproximarem da sagrada Mesa, Nós concedemos indulgencia plenaria de seus peccados. Esta mesma indulgencia plenaria e remissão de penas concedemos a todos aquelles que, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosario, ou em algum dos oito dias seguintes, receberem os Sacramentos e orarem por Nossa intenção em alguma egreja consagrada a Deus e a sua Santissima Mãe.

Finalmente, desejando attender ao bem espirital d'aquelles que vivem no campo e que se acham occupados, durante o mez d'outubro, pelos trabalhos campestres, Nós lhe permittimos que adiem ou para o mez de novembro, ou para o mez de dezembro, segundo o prudente arbitrio do Ordinario, os exercicios acima prescriptos com as indulgencias a ganhar durante o mez d'outubro.

Não duvidamos, Veneraveis Irmãos, que corresponderão aos Nossos desvellos fructos abundantes, principalmente se aprouver a Deus pela abundancia de suas graças fazer germinar a boa semente que Nós lançamos á terra e que confiamos á vossa sollicitude. Nós temos como certo que o povo christão responderá ao apello da Nossa auctoridade apostolica com o mesmo espirito de fé e de piedade de que no anno passado deu tão magnifico testemunho. Que a celeste padroeira invocada nas orações do Rosario nos seja propicia e faça com que as divisões cessem, que a religião christã seja em toda a parte restabelecida nos seus direitos e que de Deus obtenhamos a desejada tranquillidade da Igreja.

Esperando este beneficio Nós damos muito affectuosamente a Benção Apostolica a Vós, ao Vosso clero e aos povos confiados aos Vossos cuidados.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 30 d'Agosto de 1884, anno selimo do Nosso pontificado.

LEÃO XIII PAPA.

GUIMARÃES 30 DE SETEMBRO DE 1884

A hygiene d'alma e o cholera

A CERCA-SE de nós o cholera, o terrivel flagello que nos falla da colera de Deus justiceiro.

Apparecendo ha poucos mezes em Toulon depressa se alastrou pelas cidades visinhas; passou á Italia, e já penetrou em Hespanha. Está em Alicante e vem, a

provavelmente, a Portugal, se não veiu já.

Ai! quantas, e quaes serão as victimas que aqui fará?

A investigação e exame dos sabios descobriu n'um *microbio*, n'um pequenino verme, que se multiplica e reproduz immensamente, a causa de tantos sustos e de tantos damnos; e a orgulhosa sciencia moderna que se julgava *omnipotente* para obviar a todos os males e curar todas as enfermidades: a louca sciencia humana que dispensa a fé religiosa, e prescinde de Deus, não sabe, coitada, como debeilar o *vermiculo*, que zomba da providencia do homem, e escarnece da hygiene, passando atravez dos *cordões sanitarios*, galgando montes e valles, atravessando mares e resistindo a todos os meios de destruição fornecidos pela sciencia.

Não parece querer Deus, confundir mais uma vez o orgulho dos sabios, e advertir os *espiritos fortes* de que não dorme a sua providencia nem a sua justiça?

E ao passo que o cholera dizima as povoações, atterra as cidades, consterna as familias, e paralysa o commercio, as artes e as industrias, outro *bichinho aphiloxera* destroe as vinhas, e estanca uma das fontes principaes da nossa riqueza nacional. Discutam os sabios sobre as causas naturaes destes males, que foram desconhecidos de nossos avós; esforcem-se por encontrar o berço do *microbio* para ali o suffocarem e extinguirem: procurem descobrir a formula mais elicaz para debellar o contagio: nós, christãos, que reconhecemos uma Providencia que governa o mundo, e uma bondade e justiça que tem infinitos modos de nos instruir e corrigir: nós que cremos que as nações são aqui mesmo, no mundo punidas dos seus crimes, nós curvamo-nos ao braço que nos fere, e adoramos a mão que nos castiga, porque a fere para curar, e castiga para salvar.

Anda Deus ha muitos annos a advertir as nações catholicas de que a sua apostasia, ou o desprezo que fazem da sua lei e doutrina lhes hade acarretar infinitos males phisicos e moraes: anda mostrando á Europa, que fez sahir o mundo moral do seu eixo, que não se zomba impunemente dos decretos da sua providencia, e que uma nação que se aparta do seu Deus, é por isso mesmo uma nação condemnada a perecer irremediavelmente: anda Deus a avisal-a por diferentes formas e castigos, e não accordam as nações, e não querem entender a linguagem dos factos, nem as lições da Providencia.

A voz do Pontifice romano, com personificação augusta do mesmo Christo Senhor, a quem foram dadas em herança todas as nações ergue-se frequentes vezes, ora plangente e supplicante como de Jeremias, ora forte e ameaçadora

como a de Isaias, mas apesar de estar escripto—*qui vo audit, me audit* os poderes da terra, e os chefes das nações são surdos ás suas vozes.

Só os flagellos, as epidemias, as pragas que devastam os fructos e dizimam as populações, só a vara terrível da justiça divina é que os hade coagir a dobrar o joelho e respeitar as obras de Deus e a sua vontade soberana.

Ahi está o *cholera* que não toca as vinhas nem as arvores, mas sim os corpos dos delinquentes.

Corta as vidas, reduz as populações e espalha o terror no meio d'ellas. O flagello pode n'um dia cobrir de lucto e de lagrimas a Europa inteira.

Que fazer? A hygiene dá alguns preceitos, prescreve algumas regras, aconselha algumas precauções: mas tudo isto é tão insufficiente e tão inellicaz que ninguém se julga bem armado para a resistencia.

Se como deve crer o christão o flagello vem por cauza do despreso que se faz da justiça divina, despreso nascido dos falsos principios e doutrinas que uma politica athea professa: se o *cholera* vem para despertar a Europa, e acordar os que dormem no crime ou na indiferença:—se Deus quer provar aos indifferentistas, aos clerophobos, aos algoses do Papa, e a todos os espiritos fortes, que a justiça eterna os vê e os segue até chegar o dia da vingança: se Deus flagella os corpos para curar as almas e melhorar os espiritos, é a hygiene d'alma que nós devemos principalmente empregar neste momento.

Saiamos precaver o contagio das almas e applicuemos as regras e conselhos que a religião prescreve.

Curemos os espiritos que andam enfermos. Está nelles o *cholera* da descrença, da heresia, do indifferentismo e da impiedade. Falta-lhes o vigor da fé, o alento da esperança, a seiva da caridade.

A hygiene d'alma tem seus preceitos, e a saude do corpo depende por mais d'uma razão da saude da alma.

Ha muito que fazer em nome d'esta hygiene espiritual.

São muitos os focos de infecção que contem a sociedade actual, e muitas as causas da doença dos espiritos: tiremos a causa para acabar o effeito.

Limpem-se os *alcatruzes* da imprensa jornalística por onde se vaza a enxurrada das opiniões, dos erros e sandices mais nauseabundas.

Fechem-se as cavernas da publicidade publica que ahi estão abertas noite e dia, as espeluncas do jogo, os antros maçonicos, as escolas atheas que exhalam miasmas envenenadores.

Desinfectem o parlamento, a aula universitaria, o collegio de educação, a escola laical, o theatro, e as repartições e secretarias do Estado.

Expurguem os codigos, as leis, as portarias, os livros, os compendios, os pamphletos de toda essa peçonha que nelles lançou a liberdade do pensamento e o desaforo da impiedade.

A hygiene da alma reclama tudo isto. Reclama tambem que se ponha termo a todos os excessos criminosos da gula, da sensualidade e do prazer que enerva e embota as faculdades, e que nos humilhemos na presença de Deus para merecermos a saude da alma.

A prudencia christã nos manda estar prevenidos contra o perigo d'uma morte quasi subita como pode ser a trazida pelo *cholera*.

Tomem-se na saude as precauções que de balde quereremos tomar na occasião do ataque. Disponhamo-nos para esse lance tremendo da morte que pode estar bem proximo.

Em Napoles cahem feridos pelo *cholera* quinhentos e mais por dia: quem nos assegura que aqui o numero será menor?

Christãos, corramos a desarmar o braço da justiça eterna, prostando-nos arrependidos deante do Senhor, e supplicando-lhe misericordia.

Braga 11 de setembro 1884.

JOÃO ANTONIO VELLOZO.

Secção Religiosa

A UNIÃO CATHOLICA

I

A UNIÃO catholica é um assumpto d'uma actualidade verdadeiramente notavel. Quando se falla de união catholica, de que é que precisamente se trata? Eis um ponto que exige minucioso esclarecimento.

Geralmente fallando, trata-se de estabelecer uma certa colligação entre os catholicos que não abjuraram o baptismo. Esta colligação teve por fim immediato a revindicação de certos direitos, desconhecidos actualmente pelos representantes do poder civil, e por fim indillecto uma reforma de governo, que suspenda a tyrannia debaixo da qual são esmagados os catholicos francezes.

Se todos os catholicos francezes fossem o que deveram ser, a questão não viria a terreiro. Tolerantes para com as victimas do libre-pensamento, mas intrepidos defensores do direito, ainda fôra das evoluções da urna eleitoral, imporiam elles, pelo numero, pela influencia, por um valor que não trepida, o respeito dos direitos da grande familia de Deus sobre a terra, isto é, de N. Senhor Jesus Christo, de seus ministros, e seus fieis. A Igreja realisaria sem estorvos a sua divina missão, em provei-

to, não só dos individuos isolados, mas de todas as sociedades, e particularmente da sociedade domestica e da sociedade politica, nas quaes ella faria prevalecer a justiça e a caridade, fontes inexgotaveis de todos os bens.

Porém, um numero consideravel de catholicos estaciona áquem do dever individual e social. Muitos não aspiram a mais que a viver com uma fé morta, em um estado habitual de rebelião contra Deus. Conservam uma centelha debaixo da cinza, um secreto desejo de reconciliação com o divino Juiz, antes da sentença definitiva; eis a razão que os move, até certo ponto, a defenderem a verdade e a lei christã; mas, em summa, não são mais estes tristes soldados de Jesus Christo que miseraveis desertores, lembrados de quando em quando do seu pendão, e abandonando-o quando soam os primeiros tiros do inimigo.

De tal modo procedem, para fallarmos claramente, tantos jornalistas e homens politicos. Dignam-se conservar algum respeito á religião; encontram-lhe nos ensinamentos, na moral, e nas acções, coisas que applaudem abertamente, e, muitas vezes, sinceramente. Hereticos, sem darem por isso, citaram a religião divina ao tribunal de seu juizo pessoal, e honram-na com sua approvação, afóra restricções, mais ou menos consideraveis, que revelam quanto o juizo d'elles sobreexcede em rectidão o do Espirito Sancto. Dignam-se, de mais a mais, dar expressamente razão ao que qualquer philosophante ensina em contrario do que lhes prêga o parochio; mal salvam-se de apertos, sustentando desastradamente que qualquer verdade religiosa, opposta a seus intentos pessoaes, é mera opinião, subjeita á discussão dos homens.

Não é de modo algum ao ensino normal, official, constante do papado e episcopado, que requerem a verdadeira noção da religião, nem a formula exacta dos direitos d'ella. Vêmol-os buscar auctoridades isoladas, citar em voz alta quatro linhas d'um theologo ousado, ou d'um orador pouco senhor da palavra e menos conhecedor do assumpto. A philosophia maçónica inoculou-lhes uma dose de seus falsos axiomas. Pareçe darem-lhes tanto credito como ao Evangelho; e se algum dia a Sancta Sé propugna pelo dogma, tomam por uma novidade, o que é apenas ensino tradicional e immutavel. Não veio o Syllabus lançal-os n'uma colerica estupefacção, que não passou ainda?

São estes os catholicos que não querem a união catholica. Para elles, a religião é uma cousa particular, uma relação puramente individual entre o homem e Deus. Todas as theologias ensinam ser o culto publico, o culto social,

o culto nacional, umas das obrigações essenciaes da religião, e ter o mundo inteiro vivido na affirmação d'esta verdade elementar, até ao dia em que a maçonaria nos outhorgou o liberalismo catholico e o catholicismo liberal; no entanto, na sociedade, tal como a revolução a fez, vive-se na affirmação opposta. A religião é declarada livre, visto que os actos individuaes da piedade christã podem desempenhar-se livremente. A associação mesma que não é em rigor a publicidade, pôde ser ferida, sem que esses beatos julguem agredida a religião. Oppressão dos individuos, sob o ponto de vista do direito de domicilio, do direito de ensino, é de ver que a ha; mas o religioso, dizem, não pratica livremente a sua religião, desde que, sem obstaculo, pôde recitar o officio, entregar-se às vigílias ou ao jejum?

O direito commum, gritam em côro os catholicos, mordidos pela tarantola liberal, o direito commum é quanto basta à religião. Esse direito commum consiste em supprimir todos os direitos proprios à sociedade religiosa, divinamente fundada e constituída, para em seguida a convidar a que tome parte nos direitos humanos, que uma constituição, mais ou menos accommodaticia, deixa ao gôzo das nações.

Se a imprensa é livre, a Egreja, em virtude do direito commum, poderá, sem embaraços, publicar suas doutrinas. Se existe um tribunal de censura no ministerio do reino, a Egreja passará pela syndicancia d'uma meia duzia de mações enthronisados n'esse tribunal: *Direito commum*.

Sendo os leigos sujeitos, sem excepção, ao serviço militar até aos 50 annos, o mesmo acontecerá aos levitas, aos sacerdotes e aos bispos: *Direito commum*.

Apoderando-se o Estado da infancia para a educar no livre-pensamento, esse assassinato completo das almas, tornado legitimo por se ter feito legal, abrangerá até os alumnos do sanctuario: **DIREITO COMMUM**.

Ora este direito commum, em presença de situações diferentes e de direitos distinctos, é simplesmente uma monstruosidade.

A religião tem direitos imprescindivelmente seus. Esses direitos são os mais sagrados de todos, e simultaneamente os mais importantes, os mais valiosos.

São os mais sagrados, porque são, directamente e totalmente, os direitos de Deus, de tal modo que a violação d'elles, é uma injustiça a par de um sacrilegio.

São os mais valiosos, porque a sua posse facilita, e a sua violação encrava, a marcha da humanidade para o seu fim supremo e necessario, qual é o seu fim na eternidade.

Taes direitos devem, pois, ser prote-

gidos, revendicados, e reconquistados, quando assim o urja.

Mas por quem?

Pelo mundo inteiro; porque todo o mundo é servo de Deus; todo o mundo tem uma alma a salvar; todo o mundo tem um proximo a quem auxilie. Os direitos da religião são d'um interesse universal como a mesma religião. Ignoral-os, é uma gravissima desgraça; conhecel-os e postergal-os, é um crime enorme.

O liberalismo persuadiu os catholicos de que lhes não assiste a obrigação de defenderem, na vida publica, os direitos da religião. Deus é assás forte, continúa elle, para a si mesmo se defender. De accordo. Porém Deus, defendendo-se a si mesmo, desampara os que os desamparam; os livres-pensadores triumpham em toda a linha, e cerrando os ouvidos ao queixume dos catholicos, installam na França christianissima um governo que se emancipa de Deus e se gloria da sua obra.

Apodam a quem reclama a reconstituição d'um partido catholico.

L'Univers.

(*Continua*)

Secção Scientifica

VERONICA

IV

Diz tambem o citado Bergier que no seculo xv houve uma santa religiosa com o nome de Veronica; talvez para que ninguem a confundisse com a Santa Veronica de Jerusalem que elle considera como um ente fabuloso.

Ora, não ha duvida que o martyrologio romano faz menção de Santa Veronica de Binasco, religiosa de Santo Agostinho, cujo corpo se venera em Milão.

E' verdade, mas ninguem confunde as duas santas.

E da mesma sorte sabemos que houve outra santa do mesmo nome, abadeça da Ordem de S. Francisco, nascida em Mercatello (Italia), e que falleceu a 9 de julho de 1727: é Santa Veronica Giuliani, canonisada por Gregorio xvi em 1839.

Mas agora vejamos o que diz o abade Daras na sua obra *Os Santos Bem-aventurados do seculo xviii*.

Depois de contar que esta santa (Veronica Giuliani) recebera no baptismo o nome de Ursula, que mudou para o de Veronica quando tomou o habito religioso, accrescenta o seguinte:

«Este nome foi-lhe dado por seus superiores, ou foi ella mesmo que o escolheu? Seja como fór, nenhum nome melhor lhe podia convir, pois que ella devia sentir na sua pessoa os tormentos da Paixão de Nosso Senhor, ser como

uma imagem viva de Jesus Crucificado, da mesma sorte que a primeira Veronica tinha recebido de sua mão o rosto desfigurado do Divino Mestre. Em verdade, este nome era prophetic, e me parece inspirado por Deus.»

Parece, pois, certo que Santa Veronica Giuliani tomou este nome em memoria da outra Santa Veronica de Jerusalem, ou pelo menos, segundo pensa o abade Daras, tomou um nome prophetic, um nome inspirado, allusivo à piedosa mulher de que nos temos occupado.

E tudo isto confirma a tradição constante e universal sobre a existencia d'essa santa mulher que alimpou o Rosto do Senhor, e sobre a realidade do Santo Sudario.

E, alem d'isso, temos o testemunho auctorisado do abade Daras, historiador nosso contemporaneo, que não duvida aceitar a verdade da historia que discutimos.

E' tambem digno de ponderação que os mais famosos oradores sagrados, nos sermões dos Passos do Senhor, costumam relatar o facto de Veronica, como um facto notavel na via dolorosa do Calvario.

O celebre hespanhol Henrique Peres Escrich inseriu tambem este tocante episodio na sua monumental obra *O Martyr do Golgotha*.

Certamente ninguem accusará de falta de critica o sabio Pontifice Bento xiv. Ora elle, na sua obra *Da canonisação dos Santos*, prova e confirma a pia tradição acerca de Veronica e do seu Sudario, e a vinga contra as diatribes de João Reisk, auctor heterodoxo.

Podiamos adduzir em seu apoio outras muitas auctoridades, por onde se vê que o sabio e erudito Bergier andou muito de leve n'este ponto, sendo seguido por outros historiadores modernos, pouco affectos ás pias tradições da Egreja.

Julgamos sufficiente o que fica dito para que seja digna de credito a historia de Veronica.

E ainda que, como já dissemos, não discutimos aqui *ex-professo* a authenticidade do Santo Sudario que se guarda e venera na igreja de S. Pedro em Roma, porque só queremos provar a realidade da historia de Veronica, segundo é attestada pela tradição, não deixaremos, comtudo, de dizer duas palavras a tal respeito, declarando que nos conformamos com a opinião affirmativa.

Entendemos, pois, que a Face do Salvador, que se venera na igreja do Vaticano, é a propria que miraculosamente foi impressa na toalha de Veronica, como consta da tradição, e é sentimento commum de todos os auctores.

Dirá alguém que na cathedral de Turin está guardado o Santo Sudario que alli se venera em uma esplendida capella, situada atraz do altar-mór.

Secção Critica

O venerando Bispo d'Angra e a maçonaria

Esta preciosa reliquia foi trazida do Oriente, no tempo das cruzadas, por Godofredo de Charny, cavalleiro champeuz. Esteve algum tempo em Chambery, sendo depois mudada para Turin. Recorda a promessa de Francisco I, antes da batalha de Marignan.

Já noticiamos tambem que, segundo outros auctores, existe na cathedral de Jaen (Hispanha) o Santo Sudario de Verónica.

A vista d'isto, alguns criticos duvidam ou negam a authenticidade de Verónica, ou pelo menos que seja real o Sudario que se venera em Roma, porque não pôde estar ao mesmo tempo em diversas egrejas.

Mas a esta pretendida difficuldade respondemos brevemente:

1.º Pouco importa o que se passa nas outras egrejas; basta saber-se que o Sudario, conservado em Roma, reúne em si as tres provas de authenticidade: a antiguidade do testemunho, a prioridade do culto e o juizo da auctoridade competente. Nenhum dos outros sudarios pôde allegar estas provas;

2.º A existencia simultanea de varios veus ou lenços santificados pelo contacto do Salvador não tem mais nada de impossivel, diremos até que é mui verosimil para quem conhece um pouco a historia dos primeiros christãos;

3.º Varios d'esses veus pôdem ser chamados *sagrados*, por conterem algum pedaço do verdadeiro.

Assim é que se teem muitas vezes tirado dos cravos da Paixão varias parcelas que se teem engastado em cravos profanos, do mesmo modo que engastamos parcelas da verdadeira cruz em outras cruces de diversas materias.

Ora, na linguagem christã, estes segundos cravos são chamados *sagrados*, e, ainda que não traspassem nem os pés nem as mãos do Salvador, nem por isso deixam de ser objecto de justa veneração.

O mesmo devemos dizer a respeito dos Sudarios que se veneram em diversas egrejas.

Concluindo diremos que a historia de Verónica é bem fundamentada, verosimil, e portanto digna de credito. E, por outra parte, as rasões contrarias não teem solidez que a obriguem a regeitar.

Advertiremos por fim que na egreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, ao fundo da sacristia, ha uma capellinha dedicada a *Santa Verónica*; segundo dizem, é um quadro a oleo que retrata as feições da Santissima Virgem, e que trouxe de Roma, em 1295, Paio Rodrigues, Prior da collegiada.

Já se vê que esta imagem é diferente da Verónica de que fallamos.

E MANHA velha! Os mações tiveram sempre por costume chamar mação a quem o não é, e levam-se de quantos demonios ha, sempre que alguem lh'o chama a elles. O santo Pontífice Pio IX, de saudosa memoria, não foi livre d'essa graça dos irm.º; na guerra; e mesmo depois de em pó desfeitos os satanicos ardis da hydra, que medra de sangue e ruínas, ainda os chafariqueiros, continuam na infame affirmativa. Os Bispos são todos mações na bocca dos taes irm.º; mas, apesar de os dizerem seus confrades, odeam-nos, fazem-lhe guerra sem treguas, tornam-os o alvo de todos os seus tiros, é para elles que dirigem todas as suas manhas e artimanhas.

Em apparecendo um Bispo digno de tal nome, que guerreie por todos os modos a maldita seita, é logo levantado medonho grito das easuas, dos outros malditos onde se preparam as desgraças da humanidade, grito que, eccoando nas abobadas das chafaricas, vae ser repetido pelos irm.º de todos os graus, espalhados pelas redacções dos jornaes que encham de trevas o mundo. Esse grito sinistro, tretrico arremessado ás multidões exprime o seguinte:—O Bispo de tal é mação! E para logo os chafariqueiros, frequentadores dos cafés, os que dão palestra nas praças publicas e os que *ilustram* os caixeiros e artistas nas proprias casas e officinas, repetem em tom prophético:—O Bispo de tal é mação.

Nós, os catholicos, só damos o nome que nos gloriamos ter, aquelles que se tornam dignos e benemeritos da sociedade, e por isso, quando queremos honrar alguem, levantam-o acima das vulgaridades, dizemos:—Fulano é um verdadeiro catholico. Não assim os mações; estes quando querem desacreditar alguem, quando querem arremessar ás vaías do garotismo um inimigo, dão-lhe o nome com que elles proprios se gloriam:—chamam-lhe mação. São membros de uma sociedade muito *respeitavel*, dizem; mas teem vergonha que os apontem como taes, e quando querem insultar alguem, crear-lhe o desprezo publico, apodam-o de mação!

Agora foi declarado mação o Ex.º e R.º Sr. D. João Maria, esclarecido e virtuoso Bispo d'Angra. A trombeta que se encarregou de dar o primeiro alerta foi a *Ventosa*, pasquim immundo, desvergonhado mastim, que ladra nas ruas de Ponta Delgada, para merecer o osso com que a chafarica promettera sustentalo. Escutemos, ainda que com justa

repugnancia, o ladrado do bichano, e pasmemos da estulta audacia, da vilania e baixaza com que insulta um Prelado que, honrando Portugal, é uma das glorias do Episcopado Catholico.

Soffra-se a *Ventosa*:

«A ninguem pôde ser menos desculpavel dirigir aggressões á maçonaria, do que ao sr. D. João, bispo d'Angra, que deve a esta sociedade de homens livres e honrados o começo da sua carreira e as altas funcções a que se acha elevado. O sr. D. João não só foi membro presante d'essa sociedade, mas de ninguem é ignorado que foi veneravel de uma loja ao oriente de Coimbra. A guerra que hoje promove a seus irmãos é sobre estúpida, ingrata. Receber os beneficios e cuspir na mão que os dispensou, é prova de um caracter villão e de uma intelligencia acanhada.

E ainda mais: o sr. D. João sabe por experiencia propria que a maçonaria é por si uma religião, que acolhe todas as outras, sim, mas que os principios que a regem são particularmente os proclamados pelo Crucificado: que sejam quaes forem as seitas que em seu seio tolera, todas ellas tem que tomar por norma e regra os elementos da religião do Golgotha.

Com que fim calumnia o sr. D. João aos seus irmãos? Pois não vê que ainda sobre calunniosas as affrontas que lhes atira ás faces são covardes? Que juizo espera o digno prelado que façam os membros da sua loja que por ventura ainda existam, e as altas dignidades do oriente que então regulou a loja a que presidio o sr. D. João, quando ainda não era dom, mas que lhe serviu de degrau para o obter?

Curta medida dá da sua estatura este principe da Egreja, maçon relapso. Que seus irmãos o expungissem dos seus templos, nada mais justo; que seja elle que os queira sacudir dos templos christãos, nada mais indigno.

Encerram verdades de igual tomo todas pastoraes do sr. D. João? Que credito quer que lhe dêmos; nós que sabemos que o sr. bispo falla contra a sua consciencia nas injurias que irroga á maçonaria? Quando mais vivas lhe devemos suppor as suas crenças catholicas, que lhe determinaram a vocação á maçonaria, não desperta no neophyto o sagrado horror que lhe causa agora: os principios religiosos marchavam de concerto com os principios maçonicos, no animo do sacerdote:—mas desde que não é a religião, mas sim o fanatismo que é necessario incutir ás massas, o sr. D. João insurge-se contra esses principios, que proclama impios.

Quer o prelado que lhe apresentemos documentos irrefragaveis, que provem a sua filiação na maçonaria, e do alto car-

go que lhe foi confiado na sua loja em Coimbra? Poderemos apresentar-lh'os.

Ignora o sancto varão que existe em Coimbra um incansavel escavador da historia contemporanea, que este prestantissimo cidadão se chama Joaquim Martins de Carvalho, redactor de uma das mais importantes folhas do paiz? Que basta apontar-lhe o snr. D. João, como alvo do seu estudo, para que nos diga, correio por correio, o titulo da sua loja; o anno em que foi iniciado, qual o seu nome de guerra, quaes os membros do seu quadro, que funcões exerceu na loja e por quanto tempo?

Não nos metta o prelado em brios: cale-se a respeito de uma instituição de que fez parte—agora v'imos que indigna.»

Diante de uma calumnia tão estúpida, ainda que escudada com o testemunho do snr. Martins de Carvalho, o digno secretario de S. Ex.^ª R.^{ma} o R.^{mo} Snr. Padre Antonio Maria Ferreira não pôde ficar ocioso, e dirigiu-se ao snr. Martins de Carvalho, redactor do *Comimbricense*, enviando-lhe o n.º do papelucho onde fôra publicado o artigo que ali deixamos transcripto e uma carta, em que lhe pedia com instancia todas as noticias que podesse dar-lhe com respeito ao Ex.^{mo} e R.^{mo} snr. Bispo d'Angra, da sua estada em Coimbra, e tudo que soubesse acerca da maçonaria, com respeito ao mesmo Ex.^{mo} e R.^{mo} snr.

Que julgam os nossos leitores que respondeu o snr. Martins de Carvalho, o homem que era dado por testemunha pelo nojento e indecente papelucho de Ponta Delgada?

Eis a resposta:

«Visto appellar-se para a nossa informação, não faltaremos a satisfazer a esse pedido com a franqueza com que costumamos proceder.

E' INTEIRAMENTE FALSO que o snr. D. João Maria Pereira de Amaral e Pimentel, actual bispo de Angra, fosse em Coimbra, quer veneravel, quer simples membro de qualquer loja maçonica.

Não sabemos até d'onde podia vir uma tal ideia para com o snr. bispo de Angra, em vista do seu proceder e opiniões francamente manifestadas quando frequentava a Universidade.

Ahi vae uma prova d'isso.

Em Coimbra vivia o snr. D. João Maria Pereira de Amaral e Pimentel, então com o nome de João Pereira Botelho de Amaral e Pimentel, em intima convivencia e amisade com outro academico, o snr. Antonio Ferreira Miranda Oliveira, que posteriormente foi nomeado chantre da sé de Leiria; e ambos arranjaram uma lithographia, em que se entretinham nas horas vagas dos seus estudos.

Em 1848 satu d'essa lithographia a *Dissertação sobre a infallibilidade do S. Pontifice, pelos Dois Amigos, Bucha-*

reis em Theologia e Direito. — Coimbra — na lith. dos Dois Amigos—1848.

Por cima da palavra Coimbra estão interlaçadas as letras J. A., iniciaes dos dois primeiros nomes dos dois amigos. Esta *dissertação*, que é hoje da mais extrema raridade—pelo menos não conhecemos outro exemplar além do nosso—consta de 57 paginas; e foi escripta na pedra lithographica pelo proprio snr. Amaral e Pimentel, hoje bispo de Angra, pois que muito bem conhecemos a sua letra.

No fim, de paginas 56 a 57, tem a seguinte *Conclusão*:

«Quando pois a razão com a revelação e com o sentimento geral da Igreja se combinam em confirmar esta verdade, quando mesmo as mais fortes objecções, que se lhe costumam oppor desaparecem como as trevas á vista do sol, podemos seguramente concluir com o illustre Muzzarelli, que posto não seja uma verdade desfinida explicitamente até hoje pela Igreja, e seja mesmo tolerado a qualquer o disputar a este respeito, e seguir a opinião contraria, comtudo é certo que o S. Pontifice quando falla *ex cathedra*, isto é, a todo o orbe catholico, como supremo pastor das almas em materia de dogma, moral e infallivel, não podendo ninguem resistir-lhe sem perigo de scisma. Muito mais longe nos poderia levar a materia, mas temos já sido bem extensos para uma dissertação, e escasseia-nos mesmo presentemente o tempo, e por isso concluimos, julgando sufficiente o que deixamos expendido para convencer qualquer pessoa de boa fé da verdade da nossa proposição, isto é que—*O Summo Pontifice é infallivel.*»

Ora quem em 1848 assim manifestava em Coimbra uma tal opinião acerca da infalibilidade do Pontifice, quando ainda o concilio do Vaticano não tinha dado a sua definição dogmatica a tal respeito, estava bem longe de pretencer a *maçonaria*.

Joaquim Martins de Carvalho.»

Admiravel! Já não é esta a vez primeira que se desfazem as calumnias da maçonaria com o testemunho dos proprios irm.º; esta, porein, foi desfeita com a solemnidade requerida para casos taes.

Congratulamo-nos com o triumpho alcançado mais uma vez pelo venerando Prelado dos Açores, sobre os seus inimigos, e de aqui apresentamos á irrisão das presentes e futuras gerações os cobardes diffamadores da virtude, os saltadores da honra alheia, os que teriam um lugar nas galés se o brio e pundonor de outr'ora animassem ainda os governadores do aviltado Portugal.

ELIAS DE SAMPAIO.

COMPLICAÇÕES

Inglaterra está descontente da Allemanha pelo apoio que esta prestou á França em sua opposição a que fosse reduzido o juro da divida publica egypciana; por seu lado a Allemanha é descontente da Inglaterra pela opposição feita á sua politica colonial na Africa do sul; por outro lado Pariz e Londres, já desacordes a respeito do Egypto, encontram-se desacordados sobre o conflicto franco-chinez, «a respeito do qual a França não encontrou por parte da Inglaterra o apoio benevolo nem a neutralidade amigavel que ella se julgava com direito de esperar» segundo o criterio do *Nord*, orgão russo que se publica em Bruxellas. Os Inglezes difficilmente ficarão inactivos ante uma guerra *mais declarada* entre a França e a China. A *Italia novissima* vê-se na busca d'*une nouvelle orientation politique*, como disse ha pouco alguem ao facto do que se passa na Europa e considera a *politica italianissima* incapaz de uma iniciativa que leve atraz de si os *outros Gabinetes*. Nas *Chancellarias diplomaticas* da Europa é considerado o *Gabinete italiano* como uma carruagem de praça, que se presta a quem *dê e dê mais*, e de algum modo assim acaba de o fazer crêr uma *bozina*, que, se não sôa d'*quellas Chancellarias*, penetra nas *antecamaras* de estas ou ao menos na *antecâmara da mais potente*.

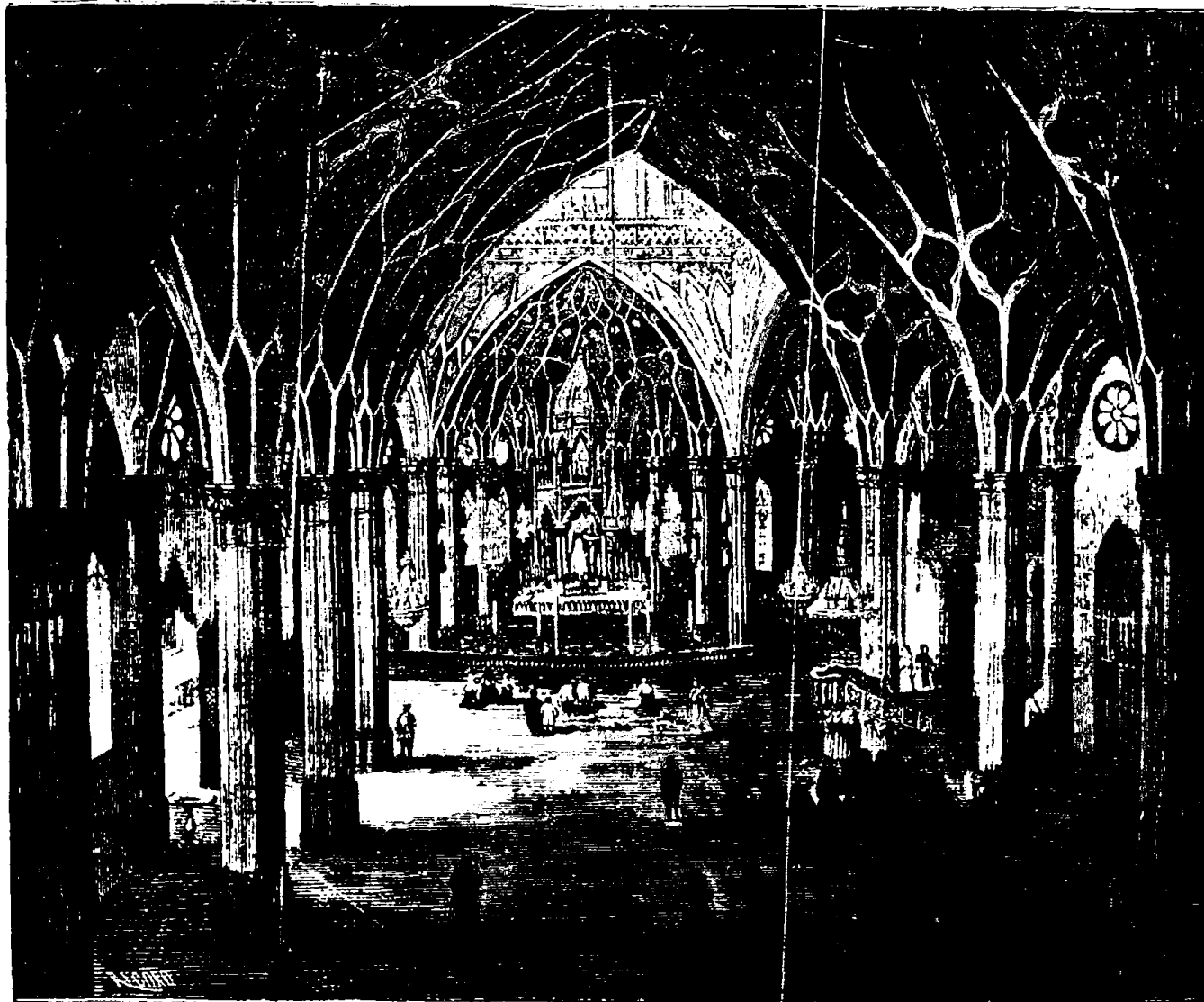
A Inglaterra observa os esforços para que se lhe ponha diante uma colligação; que mesmo em face de sua importancia maritima a faça *pensar*. No entretanto não será facil uma hostilidade aberta entre a Inglaterra e a Allemanha, embora sua reciproca desintelligencia actual; e para reforçar esta persuasão não sem pouco argumento os laços de familia entre as duas Dynastias, que já impediram que a Inglaterra se unisse á Dinamarca contra a Prussia e Austria quando foi a *guerra dos Ducados*; estava eu n'aquelle tempo, em Londres, e me foi assim possivel avaliar certas cousas *de perto*. Lord Kimberley, sendo ha annos Ministro n'outro Ministerio Gladstone, declarou «que a costa *sud-occidental* da Africa era absolutamente inutil á Grã-Bretanha.»

Não parece crível, que outro Ministerio-Gladstone se ponha hoje em desavença até a guerra com a Allemanha por causa de aquella mesma costa *sud-occidental*; e que parece crível no fim de contas os dous Gabinetes se accordem, e que a Allemanha consiga agora mais que a *«Angra Pequena»* sem obstaculo por parte da Inglaterra. Já alludimos á força de sentimento de familia, que se dá entre a Dynastia britanica e germanica, sendo o Principe-Imperial-Successor casado com uma das filhas da Rainha da Grã-Bretanha; por occasião da *Conferencia de Londres* (ha pouco reunida) ou

pouco depois estava o Principe herdeiro da Corôa Allemã, com sua Esposa, no Palacio de Osborne, e ali hospedados pela Rainha, Sogra-Mãe, dos Imperiaes Viajantes, allirmando-se, por tal occasião, que o Principe Imperial Allemão tinha conferencia com Mr. Gladstone, que actualmente, como é sabido, dirige a politica ingleza, e dizendo-se mesmo = que Gladstone a été très satisfait des entre-

n'esta se ligara de algum modo. A politica *bismarckina* deixou operar livremente a Inglaterra no Egypto até um certo ponto; depois começou a politica de outro modo até que se lhe pronunciou mais contraria, desde que appareceu o *incidente africano de Angra Pequena*, designação esta bem portugueza e não devidamente sustentada pelo Governo de Portugal, que depois de certos

como bem se expressou certo velho Diplomatico, que já temos citado. E *as cousas* assim estam e assim irão até que chegue o momento, no qual seja reconhecido, ou antes se apresente a *boa vontade* com relação ao que aliás é bem conhecido! antes que tal *boa vontade* se pronuncie serão passados ainda novos desastres e maiores do que os já vistos! então e quando a *Soberba* estiver aba-



MANILHA—INTERIOR DA EGREJA DE S. DOMINGOS

tiens qu'il vient d'avoir avec ce prince. Taes complicações apresentam-se depois da recente Conferencia diplomatica em Londres, que teve por motivo os *negocios do Egypto*; Conferencia convocada pelo Gabinete inglez, e que se verificou e suspendeu sem accôrdo algum entre aquelles Diplomaticos, representantes de seus respectivos Governos. Pôde ser, que a Inglaterra se louve por vêr sua propria acção mais desembaraçada, do que o estaria antes da Conferencia, ou se

annos se tem tornado réu por não ter cuidado conscienciosamente da Africa portugueza, embora este ou aquelle pequeno cuidado! A Conferencia (malograda) de Londres offereceu mais um argumento do quanto está abatida a Diplomacia, ou, mais que abatida, impotente para regular as cousas politicas da Europa e do Mundo, sendo sua acção supprida pela dos Exercitos e Marinhas, e tornada aquella apenas um *Notariado*, que redige o que decidiram as armas

tida pelos castigos vindos do Céu, então os Governos, atrictos ou contrictos, pedirão ao Papa que componha os desentidos e lhes regule os negocios de modo a reaparecer restaurada a *Sociedade*! Não somos *Propheta*, mais a Logica que reconhece a Fé assim o faz antevêr! *Parcialmente* temol-o já visto, mas *totalmente* é previsto! Em termos familiares disse Thiers uma grande sentença: «*Quem comer Papa se espetard!*» Quêr dizer = «Ninguém offenderá o Papa que se não

flra a si proprio» e gravemente! Os Governos têm offendido o Papa, a *Sociedade* tem feito offensas ao Papa, aquelles e esta têm querido engrandecer-se e abater o Papa, logo têm-se ferido a si proprios e ferido de morte; assim só deixarão de morrer se mudarem de conducta! Os do Mundo não se entendem, embora procurem algumas vezes fazer persuadir que sim; do Mundo não se pôde esperar outra cousa, mas ainda se pôde esperar ou não é impossível uma *Sociedade*, que não seja a que vemos, e como em tempos antes foi vista com Sentimento Religioso, com consciencia e com juizo! Na *Sociedade* actual está tudo complicado porque está tudo desordenado, e assim é proprio de uma *Sociedade apostata*.

Um grande homem disse, que o «Papa era o tira-teimas» querendo assim dizer que «o Papa era quem podia pôr tudo em ordem pelo Poder recebido de Deos!» Rendam-se os Homens e os Governos ao Juiz Superior na Terra e a paz será com os Homens e com os Governos; e se não de tal modo= **NÃO!**

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Illustrada

I

S. Francisco d'Assis

QUANDO o mundo se engolfava n'um mar de prazeres, e que o ouro o dominava por completo; quando a humanidade, presa da mais atroz superstição, se dilacerava em guerras odiuntas, em luctas sanguinarias, eis que apparece a figura humilde de um pobre, proclamando o amor e o desprezo das cousas terrenas, prégando as verdades do Evangelho em toda a sua pureza, rehabilitando os humilides a quem apontava o céu, e aconselhando os grandes ao desprezo dos bons terrenos em prol dos filhos de Jesus Christo, victimas da tyrannia e fereza dos senhores feudaes.

Este pobre era Francisco d'Assis, nascido na cidade que lhe deu o nome, filho de um mercador rico, que lhe proporcionára uma instrucção regular, e tão regular, que em França mereceu o cognome de *François*, pela superioridade com que fallava o francez, e d'aqui a mudança do nome de João, para Francisco.

Aos vinte e cinco annos em Foligno, vende todas as mercadorias que o pae lhe havia confiado, e entrega o seu producto a um ecclesiastico, que não o quiz acceitar. Depois despe todas suas roupas, dá-as aos pobres e fica com uma

grossa tunica, com capuz, que ajusta á cintura com uma corda.

Principia a prégar o Evangelho; em breve teve companheiros, que, como elle fazem a profissão de pobreza, e lançam os fundamentos na capella da *Porciuncula*, perto d'Assis, a essa grande associação que havia oppor-se aos erros da impiedade, que havia suster na sua queda a sociedade ameaçada de ruina.

Crescia o numero dos adeptos e o Po-bre d'Assis tratou de lhes dar uma regra escripta, e, ao fazel-a as visões do céu inspiraram-no para traçar o codigo mais sublime, que depois do Evangelho fôra doado á humanidade. Codigo que fôra dictado pelo Espirito Santo, e por isso os frades menores, que assim foram chamados pelo seu fundador eram obrigados a observar o Evangelho, a viver na obediencia, a não possuir cousa alguma, e a guardar castidade. Ao estalar a revolução franceza, havia mais de dez mil conventos de franciscanos, espalhados por todo o mundo! Era a republica mais vasta, tinha por séde o mundo, e todos os cidadãos a ella pertenciam uma vez que observassem a regra seraphica. Os frades menores ou franciscanos andavam descalços, viviam com o povo, e com elle repartiam o que d'elle recebiam.

S. Francisco encheu o mundo com a fama de suas virtudes e milagres, e Deos não os concedeu maiores a ninguem. Um dia appareceu-lhe Jesus Christo crucificado e transmittiu ao pobre e humilde fundador da Ordem dos menores os signaes das chagas que em seu divino corpo recebera, signaes que S. Francisco conservava ainda nos ultimos annos de vida. A instituição do jubileu da *Porciuncula* foi realisada com muitos milagres, que em outra parte foram já narrados, (1) e após grandes milagres se fizeram milhares de conversões em todas as partes do mundo onde chegou o santo fundador.

A vida de S. Francisco d'Assis foi o espanto do seu tempo, é ainda hoje a admiração dos povos, e será sempre uma das glorias da Igreja Catholica. Depois d'elle mais ninguem soubera arregar gente para fazer o bem, para espalhar as consolações da caridade christã pela terra, e por isso lhe podemos chamar, não o Christo da Edade Média, como lhe chama Castellar, mas o homem mais notavel, o christão que melhor soubera pôr em prática as leis do Evangelho, que mais admiravelmente cumpriu os ensinamentos de Christo, do Homem-Deos.

S. Francisco morreu na idade de quarenta e cinco annos, em 4 de outubro

(1) Vide paginas 255 e 266 do 5.º volume do *Progresso Catholico*.

de 1226, e foi canonisado por Gregorio IX.

A nossa gravura representa-o na epoca em que se fez penitente e abandonou as riquezas. E' cópia de uma formosa estatua.

II

Manilha—Interior da igreja de S. Domingos

Na costa occidental da ilha de Luçon, na Oceania, ergue-se a cidade de Manilha, capital das ilhas Philipinas, com uma população de perto de 200:000 habitantes.

E' praça forte, residencia do arcebispo e das auctoridades principaes. Tem uma universidade, fundada em 1645 e possuia varios edificios notaveis e formosos templos, destacando-se de entre todos a igreja de S. Domingos, da Ordem dos Prégadores. E' um templo splendidamente bello, com duas torres de graciosa construcção, modernamente reconstruido, pois que a antiga igreja se havia arruinado com o terremoto de 1863. E' uma das igrejas mais bem construidas das Philipinas e talvez a mais espaçosa de todas ellas, pois mede 227 pés de comprido, 101 de largo, correspondendo 50 pés á nave central, que mede 72 pés de altura, e as lateraes 54. Vê-se quão desafogado é este vastissimo templo.

As decorações no interior são esplendidas, notando-se as vidraças das janelas, primorosamente pintadas na Europa, e os quatro retabulos, desenhados e dirigidos pelo padre Sabater, professor de debuxo na Universidade de Santo Thomaz. Merecem tambem especial menção 15 medalhões, representando os mysterios do Rosario, e as figuras de alguns apóstolos e prophetas. A imagem de Nossa Senhora do Rosario e o pulpito, são obras de grande merecimento.

Deve-se aos frades dominicos tão magnifico edificio, concluido em 1868.

A nossa gravura representa o interior do templo, pela qual se vê a magestade e opulencia de todo elle.

R.

Secção Litteraria

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

(Continuado do n.º anterior)

CAPITULO VII

As penas de Gracia

CHAMEI-TE, Mirka, disse a princeza depois que se assentaram, porque és a unica pessoa com quem posso des-

abafar e ser sincera. Ha já tempos que sinto, ora arrebatamentos de cólera, ora accessos de melancholia. Só tu sabes curar-m'os com teus alegres sorrisos, com teus melódiosos cantos. Fala, canta, faz o que quizeres ou entenderes, mas tira-me esta pena, que me opprime e me mata.

—Queres que t'a tire? pois é já, exclamou a travessa joven, e fazendo um gracioso tregeito e dando um grande salto ao levantar-se, pegou n'um livro aberto que Gracia havia deixado e o levou até uma especie de brazeiro, que para aquecer as casas usam os japonezes.

—Que vais tu fazer, tonta? exclamou a princeza.

—Queimar tuas penas, ou melhor, a causa de tuas penas. Não sei de que te serve lér tanto; porque quanto mais lér, mais triste ficas. Faz como eu; não abras nunca um livro e viverás alegre, contente e feliz. Nada, ao lume, ao lume com elles.

—Não o queimes, não, não; disse a a princeza ao vér que Mirka ia realizar o que dizia.

—Pois então teu mal não tem cura, disse; ao menos não lhe conheço remedio. Os livros são para ti um veneno que te torna colerica, irascivel, melancholica, faz-te esquecer de teu marido, de tuas filhas e até de mim, e, o que é muito peor ainda, vai cavando de rugas prematuras tua fronte. E ainda não queres queime-os? Não te entendo, Gracia.

—Bom é, que me não entendas, porque nem eu mesma me entendo. Ah! se nunca tivesse sentido esta anciedade de saber, que me devora, seria jovial, alegre e carinhosa como tu; mas quando comecei a estudar, senti minha alma um anhelto tal de conhecer tudo, que desde então nunca pude socegar. Tens razão, os livros fazem ás vezes esquecer-me de tudo, e de todos, até de ti; não duvido, que me vão tornando velha antes de tempo, mas não posso, não posso deixar de lér. Quanto mais leio, mais desejo sinto de conhecer a verdade, e quanto mais a procuro tanto mais perco as esperanças de encontrá-la. O' filha minha! se tu soubesses os tormentos que soffro quando me encontro a sós comigo mesma!

—Pois o remedio é facil, não estejas nunca só; chama-me, tem-me a teu lado. Já sabes que não gosto nem posso consentir, que ninguém esteja triste ao pé de mim e muito menos tu, que és minha mãe, minha irmã, minha familia inteira. Chama-me quando te assaltarem ou accometerem tristes e dolorosos pensamentos e eu virei e os afugentarei cantando como as avesinhas dos bosques, ou contando-te, como ás creancinhas, historias engraçadissimas, porque por mais que pretendas ter-te na conta de sabia, de philosopha e de mulher sisuda, figura-

se-me sempre que és tão creança como eu.

—Sempre tens cousas! disse a princeza sorrindo-se.

—Pois é assim; puerilidades e só puerilidades são tuas penas; que te importa a ti, que Confucio diga isto nos Kings ou livros sagrados, que os de Buda digam aquillo, e os sectarios dos Kamis o contrario, e os chins expliquem d'um modo um mysterio e os industanos não o julguem aceitavel, se por fim de contas o que tu resolveres e te parecer coherente não o hão de aceitar os outros? Pensas talvez, que tens mais talento, que todos os sabios que escreveram esses alfarrabios? Pois se não pensas, deixa-os em paz e não penses senão no que deves, em cuidar de tuas filhas e em amar-me muito, muito, a metade ao menos do que eu te amo.

—Já vejo, Mirka, disse semiseria semiridente a princeza, que são inuteis quantos esforços faço e emprego para que te afeiçoas á leitura; tudo confundes, tudo baralhas, tudo te parece identico, o que admiro e estranho, porque tens talento e penetração bastante para comprehender, que os indios teem ideas mais...

—Boa vai ella!... Pensas dar-me outra lição de philosophia? pois olha que fujo já com as creanças para o jardim! Vim consolar-te, indicar-te o remedio que te convém; se me comesas, porém, a falar nas divergencias entre os indios e os chins vou-me já embora; sim, senhora, vou-me embora, e a culpada és tu.

—Ah! ingrata, ingrata, quão pouco me amas!

—Que te não amo, dizes: pois que é senão amar-te e muito dizer-te a verdade como t'a estou dizendo? que é senão amar-te, dizer que deixes o que não te interessa para te entregares toda ao que te interessa mais que tudo, que é tua familia?

—E' precisamente n'isso, que tu te enganias, Mirka; dão-me grande e muitissimo interesse os livros, porque elles hão suscitado em meu espirito uma tempestade horriavel. Olha, a ninguém, nem ainda mesmo a meu marido eu tenho revelado isto; mas afinal elle conheceu alguma cousa do que em mim se passava e não houve outro remedio senão manifestar-lh'o. Mirka, não acredito nos nossos deuses, capacitei-me de que tudo quanto nos referem d'elles são outras tantas fabulas; ignoro se temos ou não temos alma; não sei se ella morre, ou se vaga errante pelos espaços, ou se passa de uns para outros corpos e vai incessantemente *transmigrando*, como já li em uns ou outros livros, e tudo isto me traz inquieta e perturbada. Suppões por acaso, que é o mesmo para mim e para minha familia acreditar, que tudo acaba com a morte ou acreditar que de-

pois d'ella começa outra nova existencia, em que talvez possamos ver-nos?

—E qual é a tua opinião? perguntou Mirka, que segundo as apparencias lhe ia interessando sobremodo a conversação.

(Continúa.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

Secção Bibliographica

Soluções e exercicios de calculo e problemas de arithmetica, algebra e geographia plana.—Mais um livro util coordenado em conformidade com o programma de arithmetica, algebra e geometria dos lyceus. E' seu auctor Antonio da Silva Dias, official do exercito, e editor a casa Clavel & C.ª do Porto, rua do Almada 121, onde se acha á venda, pelo preço de 400 réis.

Agradecendo a remessa, recommendamos aos directores de collegios e mais membros do professorado este livro importante.

Polemica ligera.—Sob este titulo recebemos um pequeno folheto, composto dos artigos publicados pelo jornal *O Catholico*, d'Angra, com referencia á resposta dada á Pastoral do P.º e R.º Sr. Bispo d'Angra, sobre o Protestantismo.

E' um trabalho altamente importante e que muito desejamos fosse bem conhecido, tanto mais por ser o producto da venda revertido para a dotação do Seminario d'Angra. O seu preço é de 60 réis.

Mil parabens a quem teve a lembrança de reunir tão formosos artigos, que assim ficarão com mais duração e de mais facil leitura.

Novo Cathecismo da Doutrina Christã.—Mais um livro util acaba de ser editado, coordenado pelo R.º Padre A. M. R., para uso dos seminarios, collegios, escolas catholicas, etc. Contem um resumo e explicação desenvolvida de toda a doutrina christã, orações da manhã e da noite, methodo para bem se confessar, commungar e assistir á missa, modo de recitar o rosario, ajudar á missa, etc. Tem a approvação do Ein.º Sr. Cardeal, Bispo do Porto. Preço em brochura 160 réis, encadernado 240.

A' venda na rua de Villar 92, e na livraria Portuense, rua do Almada—Porto.

Archivo dos Açores.—Recebemos os volumes 27, 28 e 29 d'esta interessante revista, destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana. E' feita esta publicação em Ponta Delgada,

Ilha de S. Miguel, e podemos afoutamente collocar-a na primeira plana das mais uteis, instructivas e mais importantes publicações que se fazem em Portugal.

Aos illustrados redactores os nossos parabens e agradecimentos.

Diccionario de algumas palavras, phrases e sentenças peregrinas, traduzidas e explicadas em portuguez, por Narcizo José de Moraes.—Fomos mimoseados com um exemplar d'este pequeno livro, cujo titulo indica a sua importancia e utilidade. E' um volume bem cartonado e custa 200 réis.—A venda na livraria Portuense, rua do Almada—Porto.

Duas palavras sobre um exame de peritos.—Agradecemos ao R.^{mo} Sr. José Gonçalves Lage o folheto com o titulo acima indicado, e no qual S. R.^{ma} nos mostra a questão levantada em Coimbra e levada aos tribunaes, acerca da propriedade litteraria.

Meditações Sacerdotaes, ou o padre santificado pela oração, traducção do Padre Francisco Luiz de Seabra. Volume 1.º preço 700 réis—Ernesto Chardron, editor, Porto.

Dizendo que esta obra é devida á pena do sabio Padre Chaignon, tudo está dito, porque bem conhecidos são os trabalhos de tão eminente sacerdote. Mas, ainda que de pouca monta seja a nossa opinião, não faltará ella para auctorisar e fazer que se espalhe bem este bom livro. Todos os sacerdotes, e pessoas que para o sacerdocio se preparam, devem ter este livro, devem meditar por elle, que outro não conhecemos que se lhe avante. As almas guiadas pelo Padre Chaignon, escusam receber sahir do bom caminho, e por tanto compreem as *Meditações Sacerdotaes*, de que recebemos o 1.º volume e o agradecemos ao editor.

Defeza da Dosimetria, ou a Reforma do doutor Burggræve.—Vae tendo voga entre nós a medicina dosimetrica, que varios auctores de summa competencia querem collocar em primeira plana da medicina. Estranhos por completo a uma tal sciencia, agradecemos a offerta que nos foi feita do livro que nos occupa, no qual o seu auctor tenta provar a importancia da dosimetria *pele razão, pela experiencia e pela tradição.*

Aos competentes recommendamos esta obra, de que é auctor o sr. A. J. d'Oliveira e Castro, e que se vende por 800 réis na pharmacia do sr. Birra—Largo dos Loyos—Porto.

Por esta occasião agradecemos a troca proposta da *Gazeta de Medicina dosimetrica* com o *Progresso Catholico*, a qual accéitamos da melhor vontade.

O preço da *Gazeta de medicina dosimetrica* é de 1\$400 réis para fóra do Porto, e publica-se mensalmente em cadernos de 24 paginas em 8.º

Medios de combater la blasfemia.—De Barcellona foi-nos enviado um pequeno folheto com o titulo acima indicado. E' um brado energico contra a blasphemia, contra os que desprezam o preceito dominical, contra tollos os que não sabem ou não querem respeitar as leis da Igreja.

E' escripto por J. M. P. de V. e tem a censura ecclesiastica.

Ao verdadeiro catholico, ao editor de obras puramente catholicas, o sr. Don Miguel Cazals, agradecemos a offerta.

A. DOS GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

As nossas visitas

Fomos obsequiados com as seguintes visitas, que mais uma vez agradecemos:

Do R.^{mo} Sr. Padre Valentim José Barboza, que ia de passagem para S. Miguel das Aves tomar parte n'uma devota festividade que alli se fazia.

Do Ex.^{mo} Sr. Miguel Faria, que veio a esta cidade para se dirigir em romaria a S. Torquato, tendo tambem desejos de visitar a Serra de Santa Catharina, o que não fez por causa do mau tempo.

Do R.^{mo} Sr. Frei Francisco da Ave Maria Queiroz, uma d'essas poucas reliquias venerandas da Ordem de S. Bento, em que era professo.

Dos R.^{mos} Srs. Padre Antonio Machado Coelho, Padre Manuel Moreira da Silva Pontes e Padre João Ferreira Leitão, companheiros que foram no Seminario do Porto, e que agora se encontraram reunidos em Vizella e d'alli vieram em romaria a S. Torquato.

Muito folgamos com a visita d'estes assignantes do *Progresso Catholico*, alguns dos quaes não conheciamos pessoalmente, mas a todos devemos muitos e importantes serviços.

Fomos tambem honrados com a visita de Mr. Henrique de Maistre, membro do collegio do Sacré Cœur, de Paris, notavel estabelecimento de educação que ainda hoje soffre a perseguição tyrannica do governo republicano da França. Mr. de Maistre, como do seu nome se desprende, é neto do notavel escriptor do mesmo apellido que floresceu no ultimo quartel do seculo passado e primeiro do presente. E' uma intelligencia pouco vulgar e um catholico a toda a prova.

Estando em Braga veio visitar-nos, o que d'aqui, em publico, lhe agradecemos uma tão honrosa distincção.

Quatro noticias importantes nos deu esta quinzena sobre negocios ecclesiasticos: a nomeação do Ex.^{mo} Sr. Antonio José de Medeiros para Bispo de Macau; a do sr. vigario geral do patriarchado para bispo do Algarve; a nomeação de Monsenhor Rebello para o lugar d'este, e a nomeação do sr. Ayres de Gouvea para Commissario da Bulla da Santa Cruzada e bispo *in partibus*.

Folgamos com a nomeação dos tres primeiros porque todos gozam boa opinião, nem tem precedentes desairosos que façam desaproveitar esta nomeação, mas não assim a respeito da nomeação do novo Commissario da Bulla porque de ha muito estava reprovado pelo conceito publico pelas suas *façanhas* de ministro, pelas suas doutrinas de lente e pela sua filiação na seita maçonica onde tem, ou tinha o nome de Fr.^o Eurico.

Sobre esta nomeação não queremos fazer commentarios e só aguardamos a decisão da Santa Sé a cuja alta prudencia está confiada a sancção final d'este negocio.

Creemos que a Santa Sé estará bem informada a respeito das qualidades do sr. Ayres de Gouvea e da impressão que deve fazer na Igreja portugueza um Commissario da Bulla que pertence ou pertenceu á fulminada seita maçonica e que deixou nos annaes do governo portuguez um tristissimo documento da sua fé e do seu respeito pela lei de Deus.

E' inexgotavel a caridade do Santissimo Padre Leão XIII, em proporcionar meios abundantes á miseria e em promover a instrucção. Sua Santidade além de 100 camas que distribuiu aos pobres de Roma, e para celebrar a festa de S. Joaquim deu 600\$000 réis ao Instituto dos jovens artistas de S. José, réis 200\$000 ao Instituto de rehabilitação para as mulheres arrependidas e 800\$000 réis ás diversas comunidades religiosas, que se acham privadas dos seus rendimentos, por obra da Revolução.

Accrescente-se ainda que Sua Santidade destina annualmente, dos seus rendimentos particulares, perto de 100 contos de réis para sustentação das escolas catholicas de Roma, e tem sido tão liçõesgeiros os resultados obtidos, que se espera ver esta quantia augmentada. E' por isto que o Papa continua merecendo as sympathias do povo de Roma, e da Italia, que aborrece o governo do Quirinal, que o expolia, deixando-o na miseria.

Assim gasta o Pae dos fieis o pouco que d'elles recebe, e por isso não deixaremos de chamar a attenção dos nossos leitores para a subscripção que temos aberta e cujo producto queremos enviar a Sua Santidade no proximo Natal, como obulo e consoada dos assignantes do *Progresso Catholico*.

Não vos esqueças, pois, de que o

nosso Pae está preso e privado dos seus haveres, e enviaie-nos sempre com qual-quer quantia nuna pequena parcella para o dinheiro de S. Pedro, que com isso obtereis a benção da Egreja.

Está na lettra do nosso programma o censurar asperamente todos os actos praticados que offendem a Religião e a moral publica, por isso vimos hoje, já que ninguém o fez antes, censurar o escandalo, o desacato, havido n'uma das egrejas d'esta cidade no dia 8 do corrente, quando se concluiu com a solemnidade do ritual romano, o triduo em honra da Santissima Virgem. Estava exposto o Santissimo Sacramento, cantava-se missa solemne, e o templo era cheio de fleis. Quando tudo era silencio, d'uma das mãos do sacerdote que cantava o Evangelho, foge com estridula bulha tremenda bofetada, que foi alastrar-se na cara de um dos cerifrarios, que teve por desforço as lagrimas.

Não sabemos se o paciente procedeu contra o *valentão*, nem tão pouco se a auctoridade civil ou ecclesiastica teve conhecimento do facto. O que sabemos é que elle se deu, porque nos foi narrado por pessoas de toda a respeitabilidade, que foram testemunhas do escandaloso acontecimento. Narrando-o cumprimos um dever de consciencia, e satisfazemos d'algum modo a indignação publica, que não desgosta de ver punidos crimes de tal ordem.

Ao Snr. Padre Luiz aconselhamos a assistencia aos exercicios, como costumam fazer os bons padres, porque da falta de educação religiosa procede o desrespeito com que olha as cousas sagradas.

O R.º Padre Antonio Maria do Jordão, membro da Universidade pontificia de Florença e Geral da Ordem dos Agostinianos, dirigiu uma memoria a todos os Bispos, Universidades catholicas e seminarios, a todas as Academias e Sociedades christãs e a todas as Ordens religiosas, na qual recorda que a 5 de maio de 1887 será o xv centenario da conversão de Santo Agostinho, e convidando para que em todo o orbe catholico se procure solemnizar com grande pompa este centenario que o é não só da dita conversão, mas tambem da morte de Santa Monica, mãe do grande Padre da Egreja.

Foi-nos communicado o modo como se realisara a festa do Santissimo Coração de Jesus em S. Miguel das Aves, o que nos apressamos a transmittir aos nossos leitores, porque é sempre pouco o que se diga ácerca da devoção do Sagrado Coração de Jesus.

No dia 11 principiou o triduo, que concluiu no dia 14 com uma pomposa

festividade. Em todos os 3 dias acharam os fleis padres confesores, e em todos elles houveram praticas preparatorias. No dia 14 uma solemne communição geral tivera lugar, e ás 11 horas principiou a festa, que terminou de tarde com sermão, pregado pelo muito R.º Padre Valentin José Barbosa, com a consagração dos associados ao SS. Coração de Jesus, e com um solemnisimo *Te-Deum Laudamus*.

Dos fructos que d'estas festas podem advir aos fleis não carecemos fallar, porque bem os conhecem todos aquelles que tudo esperam d'Aquelle que nada deixa sem recompensa.

O correspondente de Amarante para um jornal do Porto diz:

«Consta-nos que do convento de Travanca, em ruínas, roubam tudo.

Será assim? Se é, para que servem as auctoridades da freguezia? As pedras do convento, os tijolos, a telha, as grades, a madeira e as portas serão roupa de francezes? Será bom que a quem compete inquirir do facto e que se castiguem os ladrões, se os houver. Protestamos contra a rapinagem desenfreada; colhe-remos informações, e ficamos de vigia ao procedimento da auctoridade.»

Este correspondente admira-se de que roubem tudo de um convento em ruínas, e nós admiramo-nos de que tenham roubado os conventos todos, mesmo em bom estado, e mais nos admiramos de que se peça publicamente castigo para os ladrões dos conventos!

Quem hade castigar os ladrões dos conventos? Elles estão tanto acima das leis que nos parece só poder vir do céu o castigo. E hade vir para aquelles que ainda o não tiveram, porque para alguns já nós sabemos que veio, e bem terrivel!

Uma folha de Lisboa dava ha dias a noticia de que, por uma carta vinda da China, constava na capital haver sido apeado da frente da cathedral de Pekim, chamada igreja dos portuguezes, o escudo das armas de Portugal, sendo substituido pelo da republica francesa.

E' admiravel, se não a noticia, pelo menos a coincidência! Na mesma época em que na India se apeavam da frente de um templo as armas portuguezas, esse escudo que assombrou os mares e terras indianas, quando Portugal ame-drontava o mundo com a força de suas armadas, com o valor de seus soldados e com a fé de seus missionarios;—na mesma época, o rei de Portugal mandava safar das moedas o mesmo escudo que em Pekim se apeára e substituiu-o pela sua real elligie!

Já o nosso povo, em momentos de desprendimento, em zanga commercial, quando disser:—*leve o diabo o dinheiro*,

não carece de acrescentar:—*fôra as cru- zes, como até aqui fazia*. De certo se não lembrará do Senhor D. Luiz e deixará ir a sua real cabeça. Nem o pobre, ao receber a esmola, o obulo da caridade christã terá o trabalho de beijar a moeda, porque a cruz, as sagradas quinas, foram, como da fachada do templo de Pekim, banidas das moedas de Portugal. Coincendencia notavel!

Tambem no Brazil se vae estendendo a catholica instituição de S. Vicente de Paulo. Na freguezia dos Palmares, Pernambuco, inaugurou-se no dia 2 de agosto a conferencia sob a invocação de Nossa Senhora de Lourdes, havendo n'esse dia missa cantada e a primeira sessão à noite, com a assistencia de alguns socios presididos pelo digno Vigário da freguezia, o muito R.º Padre Francisco Aniano de Sousa Araujo, a quem damos os mais cordeaux parabens pela boa obra principiada, que Deus hade fazer fortificar.

O collegio de S. Fiel é um estabelecimento de instrucção, o mais notavel do paiz, e o mais guerreado pelos homens que herraam de tudo que é bom, mas que se dizem liberaes e tolerantes. Pois esse collegio de que fallamos, teve a ousadia, de levar a exame ultimamente uns 300 estudantes, e de todos elles só 6 FICARAM REPROVADOS!!!

Estes padres, directores e professores de collegios, querem á fina força fazer d'este povo que foi grande e forte pela fé, uma nação de sabios, uma pleiade de rapazes instruidos! Pois de 300 só 6 reprovados! e isto feito por padres, quando os leigos, os homens das academias, dos cursos superiores de lettras, os directores de quantas instituições scientificas ha por esse Portugal, não são capazes de fazer a decima parte!

Que patuscos são estes padres professores, que sempre caminham na vanguarda da civilisação e do progresso!

O *Primeiro de Janeiro*, no seu artigo principal de 3 de setembro diz, fallando dos discursos do Snr. Dias Ferreira em Braga:

«Qualquer dia teremos para ahi um *meeting* na igreja da Lapa. Nos tempos rubros da revolução francesa, mais de um pulpito serviu para tribuna dos oradores dos clubs. Ainda lá não chegamos, mas vae-se indo.»

Registe-se. Isto temos nós dito muita vez, mas as almas *candidas* não o querem crer.....

Em Torres Vedras, no dia 19 de agosto passado, deixou esta vida, para comparecer diante do Supremo Juiz, a alma

do Ex.^{mo} Snr. Francisco Boaventura Rodrigues, dedicado catholico, que desde a sua fundação ajudou o *Progresso Catholico*, não só com a sua assignatura mas com as dos seus amigos.

Recompensa eterna receberá no céu a alma do fallecido, e nós, como tributo de gratidão, como dever de catholico exploramos de todos os leitores da nossa Revista uma prece pela alma do filho da Santa Egreja para que a luz perpetua lhe resplandeça e descance em paz no seio do Senhor.

Ajoelhae, pois, leitores, e rezae um P. N. e A. M. por alma do nosso irmão.

— Também falleceu o ex.^{mo} snr. commandador Francisco José da Costa Guimarães, d'esta cidade, cavalheiro que gozava da amizade de todos os bons vimearanenses, e que serviu os cargos mais importantes em todas as corporações religiosas d'aqui. Era fervoroso catholico, creado á sombra dos costumes antigos, pelo que era certo a assistir a todas as festas religiosas, cousa de que se envergonham os *illuminados*.

Prestou muitos serviços a todas as corporações onde serviu e devê-lhe muito o esplendor do culto. Foi dos primeiros subscriptores do *Progresso Catholico*, e regosijava-se com o seu prosperar.

Que Deus tenha sua alma na gloria eterna e dê resignação a sua ex.^{ma} esposa, a quem damos sentidos pesames, é o nosso desejo, assim como que as orações de todos os nossos leitores se

offereçam como suffragios pela alma do catholico e vimaranense fallecido.

Em nome da verdade e para satisfazer ao pedido do auctor cumpre-nos declarar que o artigo principal do n.º 20 da nossa Revista sob o titulo—*O Liberalismo e a União Catholica*, não é escripto por um padre, e que por engano se firmou assim, devendo ser P. Vieira. O auctor tem apenas 18 annos, e não podia, por isso, ser padre.

O celebre egiptólogo francez, Mr. Maspero, acaba de descobrir entre Asiu e Tebas, perto de Ejmen, uma vasta necropole, que contem mais de cinco mil mumias, pertencentes a mór parte á epocha de Ptolomeo.

Estes restos de antiguidade teem permanecido ao abrigo das expoliações, e por isso é de uma grande importancia tal descoberta, porque será extraordinaria a colheita que se vae fazer de papيروس, joias e outros objectos de grande valor historico.

Recebemos o 1.º n.º do *Progresso Californense*, semanario litterario, noticioso e mercantil, órgão da colonia portugueza dos Estados-Unidos, que se publica em S. Francisco da California.

Damos as boas vindas ao novo collega, e desejamos-lhe prospera vida em meio do jornalismo portuguez, porque portuguez é este novo campeão, ainda

que publicado em paiz estrangeiro, sendo, como é, escripto no bello idioma patrio. E' em grande formato, bem redigido e assás interessante.

Felicitamos a redacção do «Oliveirense» de Oliveira de Azeméis, pela entrada do seu Journal no 4.º anno de publicação, a quem desejamos mil prosperidades.

J. DE FREITAS.

SCAVINI

Já distribuímos aos assignantes o 5.º e ultimo volume d'esta obra, custando este volume 1\$100 réls.

Aos assignantes do «Progresso Catholico» continuamos a pedir nos mandem as importancias em divida, por que o 6.º anno está a findar, e o dinheiro para as despesas ha muito que findou.

Quando alguns já pagaram o 7.º anno, ainda por principiar, outros tem em aberto o 6.º, o 5.º e alguns o 4.º! A quantia é pequena, e por isso esquece; mas agora, que a lembramos, esperamos ser attendidos.

OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.^{mos} Snrs. e as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

Padre Simão Luiz Pires Gil.....	1	Abbate Manuel de Souza Rocha.....	2
Antonio Pio Garcia.....	5	João Manuel d'Abreu.....	1
Manuel José Gomes.....	3	Frei Francisco da Ave Maria Queiroz.....	1
Joaquim Rodrigues Barroko.....	1	Padre Antonio Fernandes Cardoso.....	1
Padre José Teixeira de Moraes.....	1	Antonio Gonçalves Vianna de Magalhães.....	1
Padre Antonio Martins de Miranda.....	11	Manuel José Coelho.....	6
José Fernandes Carneiro Braga.....	1	Alarico da Piedade Mascarenhas.....	8
D. Candida Caldas.....	1	D. Carolina Augusta de Souza.....	2
Padre Emilio A. de Esperança Machado.....	3	Padre José Dias Urbano.....	1
Padre Francisco Antonio Gomes.....	1	Antonio Ribeiro d'Almeida Abranches.....	6
Padre Antonio Prophirio Rodrigues.....	1	Joaquim Marques Ferreira.....	1
Padre Francisco Gonçalves d'Oliveira Torres....	1	Prior Alexandre da Silva Vidal.....	2
D. Henriqueta Emilia da Luz Noronha de Carvalho.....	2	Padre Antonio Maria Ferreira.....	1
Frei Agostinho de Nossa Senhora das Dores....	2	Prior Miguel Ferreira Diniz.....	1
Padre Manuel José Pires.....	2	Padre João E. Pereira Gomes.....	1
Padre Manuel Rodrigues Branco.....	1	Padre Antonio Ferreira da Gama.....	1
Padre João da Gama.....	2	José R. dos Santos Gomes.....	1
Padre Antonio Simões de Faria.....	3	Christovão de Mello Cardoso Cabral e Sampaio..	8
Padre Egas Moniz.....	3	Abbate João d'Almeida Metello.....	1
Padre João Jacintho de Souza.....	1	D. Maria da Gloria do Vadre Caupers.....	1
Padre Francisco José Monteiro.....	1	Antonio Peixoto Corrêa.....	1
Manuel Joaquim Rodrigues Lima.....	3	Padre Antonio Madeira Ferrão do Amaral.....	1
Manuel da Silva Ribeiro.....	1	Padre Joaquim Gomes Lobarinhas.....	2
		Manuel Ferreira da Costa.....	1